

**12648 - Experiências de intercâmbio entre agricultores/as: Valorizando a prática camponesa de socialização de saberes no Vale do Mucuri, Minas Gerais – Fortaleza/CE, 2011**

*Exchange of experiences between farmers: Valuing the practice peasant socialization of knowledge in the Mucuri Valley, Minas Gerais – Fortaleza/CE, 2011*

Láuar Neto, Nacip Mahmud<sup>1</sup>; Moreira, Gabriel Dayer de Barros <sup>2</sup>; Rodrigues, Carolina Costa<sup>3</sup>; Martins, Reginaldo Rodrigues<sup>4</sup>; Fávero, Claudenir<sup>5</sup>;

1 Discente bolsista NAC-UFVJM, [nacip85@gmail.com](mailto:nacip85@gmail.com); 2 Discente bolsista NAC-UFVJM, [dayergabriel@gmail.com](mailto:dayergabriel@gmail.com); 3 Eng. Florestal CAT-GV, [carolinecrd@gmail.com](mailto:carolinecrd@gmail.com); 4 Técnico CAT-GV, [regis.armicopa@yahoo.com.br](mailto:regis.armicopa@yahoo.com.br); 5 Coordenador NAC-UFVJM, [parana.ufvjm@ufvjm.edu.br](mailto:parana.ufvjm@ufvjm.edu.br)

**Resumo:** A ARMICOPA – Associação Regional Mucuri de Cooperação dos Pequenos Agricultores desenvolveu, entre 2007 e 2010, o projeto “*Agricultura Familiar e Gestão dos Recursos Hídricos e Florestais no Território do Vale do Mucuri em Minas Gerais*”. Um dos eixos do projeto compreendia o intercâmbio de saberes entre comunidades camponesas. Nos intercâmbios foram priorizados os diálogos sobre a diversificação produtiva nas unidades familiares, principalmente relacionados com os Sistemas Agroflorestais. São relatadas experiências visitadas em organizações do movimento agroecológico no estado de Minas Gerais e Bahia. Os intercâmbios demonstraram serem eficientes na recuperação de práticas e saberes das comunidades participantes.

**Palavras-Chave:** Troca de Saberes, Agricultores Experimentadores, Agroecologia.

### **Contexto**

O projeto “*Agricultura Familiar e Gestão dos Recursos Hídricos e Florestais no Território do Vale do Mucuri em Minas Gerais*”<sup>1</sup>, foi desenvolvido pela Associação Regional Mucuri de Cooperação dos Pequenos Agricultores - ARMICOPA entre 2007 e 2010. Como apoio e integrado as atividades do mesmo foi executado, pela UFVJM, o projeto “*Formação de Agentes Agroambientais em Interface com o Monitoramento da Recuperação de Áreas de Preservação Permanente no Vale do Mucuri – MG*”, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

As viagens de intercâmbios foram fundamentais nesta experiência, pois aproximaram agricultores/as das realidades sócio-ecológicas de diferentes comunidades situadas em contextos bem diferenciados, se constituindo em importantes ferramentas de estudos comparativos e de incentivo à trocas de experiências entre agricultores/as que trabalham na perspectiva da Agroecologia.

As visitas ocorreram nos municípios de Itamaraju (extremo sul da Bahia), Turmalina (Vale do Jequitinhonha – MG), e São José da Safira (Vale do Rio Doce – MG). As comunidades locais são assessoradas pelas organizações do movimento agroecológico, respectivamente: Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Extremo Sul da Bahia - TERRA VIVA, Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica – CAV e Centro Agroecológico Tamanduá – CAT.

<sup>1</sup> O projeto contou com apoio financeiro do subprograma Projetos Demonstrativos do Ministério do Meio Ambiente (PDA/PPG7/MMA).

Os intercâmbios foram momentos ricos de discussão e aprendizados, onde o objetivo foi refletir sobre as experiências agroecológicas a partir da visão e da vivência dos/as agricultores/as experimentadores/as, e socializar tecnologias de cunho local e regional. As trocas de saberes contribuem de diferentes formas com os trabalhos no campo e restabelecem novos sentidos aos valores dos trabalhos coletivos dentro das comunidades camponesas.

Estes momentos, quando facilitados pelas próprias famílias camponesas, são importantes na apropriação das tecnologias de desenvolvimento local, onde o/a agricultor/a consegue comunicar, dialogar e construir com outros/as novos aprendizados, melhorias de sua área e das relações comunitárias.

Os/as "Agentes Agroambientais" constituíram um grupo de agricultores/as experimentadores/as com papéis diferenciados no âmbito do projeto e foram os guardiões da memória dos intercâmbios. Eles/as atuam como educadores/as populares, facilitadores/as e animadores/as das reuniões ou mutirões nas comunidades, relatando e repassando aos agricultores/as os momentos vivenciados nos intercâmbios e nas atividades experimentais.

### **Descrição da experiência**

Os momentos de diálogos presentes nos intercâmbios foram facilitados pelos/as agricultores/as. Assim, a dinâmica de exposição dos trabalhos desenvolvidos e sua organização fizeram parte da vivência dos/as envolvidos/as, propiciando a reflexão e apropriação do conhecimento agroecológico.

*"O que a gente viu é que o Sr. Antônio é um pequeno agricultor como a gente e muitas vezes já praticamos o Sistema Agroflorestal no quintal, misturando, às vezes até sem sabe."* (Agricultor em visita ao Sítio do Senhor Antônio e família em Turmalina – MG).

A troca de experiências entre agricultores/as experimentadores/as de Sistemas Agroflorestais mostrou que os conhecimentos de cada agricultor/a e a observação cotidiana são primordiais no manejo dos sistemas. Os agroecossistemas mais complexos foram as áreas do extremo sul da Bahia, onde frutíferas são sombreadas pelas grandes árvores da mata.

O Sistema Agroflorestal (SAF) ou a "Roça Agroecológica" consiste no cultivo consorciado, combinando plantas arbóreas em uma mesma área em conjunto com cultivos agrícolas formando um arranjo produtivo diversificado de espécies, sejam frutíferas, nativas, adubadeiras e/ou exóticas com a finalidade de proteger o solo e obter a produção sustentável com base nos princípios agroecológicos. O consórcio oferece produção o ano todo, por exemplo: na horta consorciada, no período chuvoso morre a couve e, o inhame cresce e, assim, são várias espécies que se adaptam umas com as outras.



**Figura 1** - Agentes Agroambientais em visita à experiência com SAF no Extremo Sul da Bahia, Terra Viva.

No CAV vivenciaram-se as estratégias de convivência com o semi-árido, bem como, toda a organização necessária frente às tecnologias adaptadas a esta condição.

Seu Antônio, Dona Maria e seus filhos Judite e Lucas compartilharam o trabalho com SAF que há 15 anos desenvolvem em sua propriedade. Seu Antônio ouviu falar das idéias de Vicente Nica, que lutava pela preservação da natureza e pelos direitos dos/as trabalhadores/as rurais. Começou a participar do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turmalina e a praticar o cuidado com a natureza no seu dia a dia. Com a assessoria do CAV conheceu o sistema agroflorestal e se tornou um dos agricultores multiplicadores da proposta na região.

No assentamento Formosa Urupuca, o Sr. Daniel compartilhou seu trabalho com SAF. A área possui um histórico, como ele mesmo explica, de muito exagero em queimadas e criação de animal por um antigo latifundiário. A área pertencia a uma antiga fazenda que foi desapropriada para fins de reforma agrária. Na apresentação da área estava presente a agricultora Maria Carlota, à época, coordenadora geral do CAT - Centro Agroecológico Tamanduá, que contou um pouco da história e do processo de organização dos/as agricultores/as assentados na região.

O Agricultor Daniel relatou que faz parte de um grupo de estudo e debate sobre Agroecologia denominado AEMSAS – Agricultores Experimentadores e Monitores de Sistemas Agroecológicos.

O grupo AEMSAS foi criado por agricultores e agricultoras que queriam experimentar sistemas de produção agroecológicos, assessorados pelo CAT. A agricultora Maria Carlota e o agricultor Daniel participaram da constituição do grupo, depois de um seminário de Agroecologia realizado pelo CAT.



**Figura 2.** Área experimental de SAF na propriedade do Senhor Daniel, assentamento Formosa Urupuca, CAT, Governador Valadares-MG.

*“Este grupo era o grupo dos doidos, todo mundo falava, mas hoje eu tenho a convicção e sou prova que não é 'grupo dos doido' nada”* (Agricultora Maria Carlota, Sítio Formosa Urupuca, maio/2010).

### **Aprendizados e Perspectivas**

No processo de intercâmbio de saberes sobre os agroecossistemas, os/as agricultores/as dialogam livremente e observam ambientes e processos que os/as circundam. Estes entendem o meio como espaço de manutenção da vida na terra e que o ser humano compreende e transforma seu meio a partir da sua vivência local.

O padrão produtivo imposto pela agricultura moderna, que tendência para a competição, contribui para a desarticulação dos espaços de socialização dos agricultores/as familiares. Nele, o uso de tecnologias exógenas é um dos pilares do modelo de desenvolvimento. Como descrevem João do Vale e Jocastro Bezerra de Aquino, na música “Sina do Caboclo”, em 1964, período inicial da implantação daquele modelo de produção:

*“(..) Quer ver eu bater no chão, com força, coragem, com satisfação? E só me dar terra prá ver como é: eu planto feijão, arroz e café, vai ser bom prá mim e bom pró doutor. Eu mando feijão, ele manda trator, vocês vai ver o que é produção! Modéstia á parte, eu bato no peito: eu sou lavrador! Mas plantar prá dividir. Não faço isso não...”*

Os intercâmbios são momentos importantes para o processo de resistência camponesa. Através da socialização das experiências de vida e da promoção de ações coletivas,

como os mutirões, reconhecidos desde tempos longínquos na agricultura camponesa.

Cada vez mais, o intercâmbio de experiências tem despontado como uma metodologia primordial para a recuperação de práticas e troca de saberes entre as comunidades locais e regionais. O/a camponês/a que facilita estes momentos, abrindo suas experiências e dinâmicas de trabalho, configura-se como educador popular. Este papel, de "sujeito facilitador" da experiência desenvolvida deve ser valorizado e apoiado dentro das instituições de pesquisa, ensino e extensão.

### **Agradecimentos**

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG pelos apoios financeiros. Aos Agricultores e Agricultoras do Vale do Mucuri que participaram dos momentos de intercâmbio e espaços de socialização com os Agricultores e Agricultoras experimentadoras que abriram suas pesquisas e com todos e todas envolvidos, especialmente a ARMICOPA.